



miguilim

revista eletrônica do netli

volume 11, número 1, jan.-abr. 2022

AMBIENTAÇÃO, DITADURA E A PRODUÇÃO DE IDENTIDADES NÃO-NORMATIVAS EM *MORANGOS MOFADOS*



AMBIENCE, DICTATORSHIP AND THE PRODUCTION OF NON-NORMATIVE IDENTITIES IN *MORANGOS MOFADOS*

Alifer Rafael Nascimento LEAL
Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil

[RESUMO](#) | [INDEXAÇÃO](#) | [TEXTO](#) | [REFERÊNCIAS](#) | [CITAR ESTE ARTIGO](#) | [O AUTOR](#)
RECEBIDO EM 01/11/2021 • APROVADO EM 22/04/2022

Resumo

Este artigo resulta do subprojeto de pesquisa que desenvolvi no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) nos anos de 2019 e 2020. Analisei neste trabalho a obra *Morangos Mofados* (1982), produzida por Caio Fernando Abreu no contexto da ditadura civil-militar brasileira (1964-1985), buscando apontar como a ambientação, isto é, o espaço no sentido de campo social (WOODWARD, 2014), onde se localizam as personagens, contribuiu para a produção de suas identidades (SILVA, 2014; HALL, 2014; 2019) não-normativas (ABREU, 2010; LOURO, 2000; 2001). Optei por discutir, particularmente, três contos que, além de compor a obra, permitem debater de forma aprofundada o objetivo principal da pesquisa: mapear as interpelações do contexto histórico-social sobre a produção das identidades das personagens. As narrativas analisadas foram, especificamente: “Eu, tu, ele”, “Aqueles Dois” e “Morangos Mofados”.

Abstract

This article results from the research subproject that I developed in the Institutional Program for Scientific Initiation Scholarships (PIBIC) in the years 2019 and 2020. In this paper I analyzed the work *Morangos Mofados* (1982), written by Caio Fernando Abreu in the context of the Brazilian civil-military dictatorship (1964-1985). I tried to point out how the ambience, that is, the space as a social field (WOODWARD, 2014) where the characters are located, contributed to produce their non-normative (ABREU, 2010; LOURO, 2000; 2001) identities (SILVA, 2014; HALL, 2014; 2019). I decided to discuss, in particular, three short stories that, in addition to composing the work, allow us to have an in-depth debate on the main objective of the research – to map the crossings of historical-social context on the characters' identities production. The narratives analyzed were, specifically: “Eu, tu, ele”, “Aqueles Dois” and “Morangos Mofados”.

Entradas para indexação

Palavras-chave: Morangos Mofados. Identidades não-normativas. Ditadura civil-militar. Ambientação.

Keywords: Morangos Mofados. Non-normative identities. Civil-military dictatorship. Ambience.

Texto integral

Introdução

O desejo por realizar esta pesquisa a partir dos escritos de Caio Fernando Abreu dialoga, principalmente, com o meu primeiro contato com a obra do autor, quando, ainda em minha trajetória escolar, experimentei a leitura do conto “Terça-Feira Gorda”, o qual compõe a obra *Morangos Mofados* (1982). A breve narrativa descortina mais um corriqueiro episódio de violência LGBTfóbica dos anos de ditadura pós-64, fato típico que ainda se perpetua no cotidiano brasileiro. Desse modo, ao ocupar a universidade enquanto docente em formação e pesquisador de iniciação científica e, considerando a relevância de se construir saberes (MARCONI, 2017) no campo literário comprometidos com o cultivo da memória política e com a resistência ao “processo de esquecimento” (FIGUEIREDO, 2017) – cujo objetivo é mascarar e esconder as atrocidades cometidas durante o período de ditadura –, decidi por desenvolver, a partir da obra de Caio, discussões acerca das implicações objetivas e subjetivas empreendidas sobre a construção identitária dos sujeitos que vivenciaram as opressões do regime militar. As reverberações são capturadas através da ficcionalização da agonia, do medo e da desesperança experienciadas por aqueles e aquelas que tiveram suas narrativas de vida atravessadas e ceifadas pelo regime.

Segundo o estudo de doutoramento de Mírian Gomes de Freitas, *Morangos Mofados* (1982) “foi o resultado de tudo aquilo que foi vivido nas décadas de 1960 e 1970 de forma sacrificial” (FREITAS, 2017, p. 75), em seu sentido literal, pois o final dos anos 1960, demarcado pela intensificação do regime militar, como salienta Heloísa Buarque de Hollanda “apresentavam-se para a juventude radicalizada dois caminhos – o desbunde ou a luta armada” (HOLLANDA, 2018, p.

754). As vivências nas dinâmicas da contracultura e do desbunde, sobretudo no que se refere à angústia experimentada pela frustração e à cultura da droga como subversão e subterfúgio, é matéria para produção de *Morangos Mofados*. Um dos contos que compõe a obra – “Pela passagem de uma grande dor” – indica já em seu título tratar de uma trajetória agônica, que no diálogo entre as personagens, complementa-se com medo e desesperança: “[...] – Acho que fiquei meio horrorizada. E com medo. Você não tem medo, Lui? [...] Lui você acha que o mundo está mesmo no fim?” (ABREU, 2018, p. 332-333). Adiante, o personagem Lui afirma: “[...] Cheirei todas hoje. Estou com aquele... vazio intenso, sabe como?” e reitera que a cocaína é como um “desespero agradável” (ABREU, 2018, p. 334). Esse desespero, supostamente amenizado com as drogas, é situação presente em *Morangos Mofados* (1982), a qual parece demarcar as personagens em identidades subversivas, pois, na medida em que a obra retrata sujeitos da “geração com cheiro de loucura” (FREITAS, 2017, p. 80) que experimentou a vivência nas drogas, ela rompe com a moral, com os bons costumes e com o *status quo* daquele período extremamente conservador. É, então, no conjunto das narrativas que a obra “dá conta [...] dos impasses de toda uma geração que vivia, no Brasil, os estertores da ditadura militar” (PORTO, 2018, p. 750).

Dividida em três partes – “O Mofo”, “Os Morangos” e “Morangos Mofados” – a obra *Morangos Mofados* (1982) agrupa um conjunto de contos para cada parte, totalizando nove contos em “O Mofo”, oito em “Os Morangos” e um único conto na terceira parte que, finalizando a obra, toma dela mesmo título: “Morangos Mofados”. Embora a obra permita diferentes análises e leituras, meu principal objetivo foi de mobilizar reflexões acerca do processo de construção das identidades das personagens, compreendendo sua relação com a ambientação da narrativa. Pode-se dizer, nesse aspecto, que a totalidade dos contos evidenciam vozes e identidades não-hegemônicas (LOURO, 2000) em duas dinâmicas principais: dos sujeitos que subvertem – nas práticas artísticas, no uso de drogas e na religião – o regime militar-conservador instituído; e dos sujeitos identificados ou representados nas narrativas em papéis sociais de transgressão às experiências sexuais hegemônicas daquele contexto, o qual era demarcado pela heteronormatividade (BUTLER, 2017). “Terça Feira Gorda”, “Sargento Garcia” e “Aqueles Dois” são exemplos de narrativas que movimentam a experiência das identidades sexuais não-normativas, isto é, das “identidades desobedientes a heteronormatividade” (ABREU, 2010, p. 1), já que apresentam experiências homossexuais.

A heteronormatividade, conforme Miskoci (2017, p. 15), “seria a ordem sexual do presente, na qual todo mundo é criado para ser heterossexual, ou – mesmo que não venha a se relacionar com pessoas do sexo oposto – para que adote o modelo da heterossexualidade em sua vida”. Esta ordem sexual, por sua vez, não atua sozinha. Concomitantemente à heteronormatividade, temos a cisgeneridade, uma ordem de controle que confere legitimidade de existência apenas para “a identidade de gênero daquelas pessoas cuja ‘experiência interna e individual do gênero’ corresponda ao ‘sexo atribuído no nascimento’ a elas” (VERGUEIRO, 2015, p. 44). São concepções que, além de servirem para compreender as conexões entre as matrizes sociais de controle da sexualidade e do gênero, contribuem, aqui, para a leitura crítica da obra de Abreu. A reverberação

desses modelos normativos é evidente, por exemplo, no conto “Terça Feira Gorda”, quando os personagens, entre amassos, dialogam: “Você é gostoso, ele disse. E não parecia bicha nem nada: apenas um corpo que por acaso era de homem gostando de outro corpo, o meu, que por acaso era de homem também” (ABREU, 2018, p. 344). Aqui, a prática sexual não segue o parâmetro considerado normal, isto é, a heterossexualidade, contudo, utiliza como referência um dos pressupostos hegemônicos acerca das experiências sexuais e de gênero: o repúdio dos personagens, dois homens, para a identificação bicha. Isso se caracteriza como uma ressonância da visão hegemônica na vivência homossexual, pois, como formula Butler (2017, p. 44), a matriz cultural de controle do gênero e da sexualidade:

exige que certos tipos de ‘identidade’ não possam ‘existir’ – isto é, aqueles em que o gênero não decorre do sexo e aqueles em que as práticas do desejo não ‘decorrem’ nem do ‘sexo’ nem do ‘gênero’. Nesse contexto, ‘decorrer seria uma relação política de direito instituído pelas leis culturais que estabelecem e regulam a forma e o significado da sexualidade.

Dito de outra forma, a bicha, um corpo cujo seu gênero não “decorre” do sexo e, tampouco o seu desejo “decorre” do gênero ou do sexo, não encontra espaço de validação entre os personagens. Desse modo, na medida em que ambos rechaçam qualquer performance que pudesse ser lida como bicha, enquanto sinônimo de feminilidade, e demarcam aspectos da masculinidade para se autodefinirem como homens: “Tínhamos pelos os dois. Os pelos molhados se misturavam” (ABREU, 2018, p. 344); eles atestam que a cisgeneridade seria a base necessária que legitimaria suas experiências homoafetivas. Ainda que a relação entre eles subverta a referência “masculino x feminino” no aspecto sexual, ela se desdobra de uma forma bastante higienizada na dinâmica do gênero, o que contribui para a perpetuação das identidades bichas em margens solitárias e subalternas. Pensando em tratar de forma aprofundada questões como estas abordadas e, especialmente, em cumprir com os objetivos da pesquisa, defini três contos de *Morangos Mofados* para análise, os quais compõem, respectivamente, as três partes da obra: “Eu, tu, ele”, “Aqueles Dois” e “Morangos Mofados”.

Produzindo identidades

É pertinente à sequência desta análise discutir, ainda que brevemente e sem o desejo de esgotá-los, os entendimentos de identidade e diferença. De acordo com Stuart Hall (2019, p. 14), podemos conceber a identidade como “posições-de-sujeito”, as quais são produzidas discursivamente nas relações sociais humanas. Dizer que o discurso produz identidades significa afirmar que “a identidade é uma atribuição cultural”, pois “ela sempre é dita e nomeada no contexto de uma cultura” (LOURO, 2000, p. 62). Dessa perspectiva, a identidade é, então, uma construção social, embora costumemos interpretar autodeclarações acerca de posições-de-sujeito como “eu sou homem” ou “eu sou heterossexual” enquanto fatos da vida, como se, apartadas da cultura, essas identidades fossem apenas dados da natureza. Ao não questionarmos o caráter de essencialidade que estas posições apresentam, acabamos por pensá-las num sentido cabal, como um ente

fixo, camuflando e apagando sua condição fundamental de existência – a contingência histórico-cultural.

Por outro lado, essas mesmas identidades, tomadas enquanto posições sociais estanques, ou até mesmo “pré-discursivas” (BUTLER, 2017), demandam um elemento nem sempre dito para que possam existir no mundo. As ocultações acerca das declarações “sou homem” ou “sou heterossexual”, caracterizadas pelo discurso “não sou homem” ou “não sou heterossexual”, é o elemento central em que se pauta a identidade – a diferença, precisamente. Nesse exemplo, ela atua pelo não-dito, entretanto, a diferença opera quase sempre sob a marca oposicional, configurando os chamados processos de diferenciação, cuja atuação ocorre sobre a produção das identidades. Essa marcação oposicional serve, geralmente, para atribuir valor positivo àquilo que se diz identidade ao passo que reduz sua marca oposicional – a diferença – no lugar negativo e abjeto. A identidade “heterossexual”, por exemplo, corriqueiramente é valorada de forma positiva, enquanto a identidade “homossexual” é sempre marcada pelo traço da diferença, isto é, a oposição ilegítima que difere, que não compõe nem faz parte do parâmetro heterossexual.

Conforme Kathryn Woodward (2014, p. 40), “a identidade [...] não é o oposto da diferença: a identidade *depende* da diferença”, especialmente porque “as identidades são fabricadas por meio da marcação da diferença”, isto é, pela diferenciação. Tomas Tadeu da Silva (2014, p. 79) nos oferece mais exemplos para pensar essa questão:

a declaração da identidade “sou brasileiro”, ou seja, a identidade brasileira, carrega, contém em si mesma, o traço do outro, da diferença – “não sou italiano”, “não sou chinês” etc. A mesmidade (ou a identidade) porta sempre o traço da outridade (ou da diferença).

Desse modo, a identidade brasileira depende de algo fora dela, da oposição, depende da identidade outra, da diferença, tal como a identidade italiana ou chinesa, que, ao se distinguir da identidade brasileira, “fornece as condições para que ela exista” (WOODWARD, 2014, p. 9). Este processo de diferenciação que posiciona as identidades e as diferenças, ou posiciona a(s) identidade(s) em detrimento da(s) diferença(s), dialoga com o processo que Silva (2014) chama de “normalização”. Trata-se de práticas sociais comprometidas com o desejo de atribuir valor e privilégios para algumas posições-de-sujeito, em detrimento das “outridades”, reduzidas, então, às margens subalternas solapadas pela diferença – a marcação daquilo que não está no centro, portanto inferior (MISKOLCI, 2007; SILVA, 2014). Mais precisamente, normalizar significa:

eleger – arbitrariamente – uma identidade específica como o parâmetro em relação ao qual as outras identidades são avaliadas e hierarquizadas. Normalizar significa atribuir a essa identidade todas as características positivas possíveis, em relação às quais as outras identidades só podem ser avaliadas de forma negativa. (SILVA, 2014, p. 83).

Neste campo de disputas em que algumas identidades são autorizadas a violentar e oprimir as existências “diferentes” – grifadas com a marca da anormalidade –, a normalização se move configurando as hierarquizações entre identidades hegemônicas e não-hegemônicas, através de binarismos polarizados, pois “o hegemônico só se constrói em uma oposição necessária a algo inferiorizado e subordinado” (MISKOLCI, 2007, p. 3). É nesse sentido que, por exemplo, as identidades heterossexuais se consolidam como hegemônicas – normais, desejáveis, sagradas e legítimas – em oposição às identidades homossexuais, reduzidas às anormais, indesejáveis, ilegítimas e abjetas condições. Percebemos ainda que os empreendimentos normalizadores, muito contundentes e precisos também nas produções identitárias de raça, gênero e classe – oposições entre branco x negro; masculino x feminino; rico x pobre – “operam sempre interseccionalmente” (MISKOLCI, 2007, p. 13), dado que essas dinâmicas binárias constituem nossas identidades mais substanciais.

Este processo discursivo de normalização, o qual envolve a diferenciação, e que produz as opressões, muito se aproxima à concepção dos “sistemas classificatórios” (WOODWARD, 2014). Segundo Woodward (2014, p. 40), ao passo que um “sistema classificatório aplica um princípio de diferença a uma população de uma forma tal que seja capaz de dividi-la em ao menos dois grupos opostos – nós/eles [...] eu/outro”, ele insere sob esses grupos polarizados as marcações sagrado/profano, legítimo/ilegítimo. Compreender a atuação da normalização, da diferenciação e dos sistemas classificatórios, cujos objetivos buscam conferir privilégios a alguns grupos ao passo que oprimem outros, é relevante para o seguimento do trabalho, já que as elaborações das identidades das personagens, no âmbito das narrativas, estão submetidas a esses processos regulatórios.

Nesse sentido, podemos dizer que, muito distanciada das concepções essencialistas que dispensam leituras mais críticas, as identidades sociais, instituídas em terrenos de relações sociais de poder e disputa:

não são nunca unificadas [...] são, na modernidade tardia, cada vez mais fragmentadas e fraturadas [...] não são, nunca, singulares, mas multiplamente construídas ao longo de discursos, práticas e posições que podem se cruzar ou ser antagônicos. As identidades estão sujeitas a uma historicização radical, estando constantemente em processo de mudança e transformação. (HALL, 2014, p. 108).

Desse modo, me interessa, na sequência, focalizar e discutir como se dá a construção das identidades não-normativas das personagens em *Morangos Mofados*, levando em consideração seus contextos e espaços e, em relação aos engendramentos classificatórios e normalizadores que estabelecem interdições, proibições e violências.

“A minha alucinação é suportar o dia-a-dia e meu delírio é a experiência com coisas reais”: um retrato da repressão com gosto amargo de mofo

Morangos Mofados, um retrato do maldito objeto abjeto sob a leitura dos sujeitos hegemônicos condutores da política governamental de morticínios e

truculência do Brasil pós-64, tece narrativas em que as personagens, afogadas nos sentimentos de aflição e desesperança, transitam entre memórias passadas, vivências presentes e incertezas futuras. O autor faz emergir do interior das narrativas sujeitos solapados pelo amargor que era vivenciar os estertores de uma ditadura. Contudo, a denúncia não é dada, experimentamos o gosto amargo como o mofo, que é vivenciado numa sociedade totalitária, nas entrelinhas do texto.

“Eu, tu, ele”, conto que integra a primeira parte de *Morangos Mofados*, delinea três sujeitos que, traçados individualmente na maior parte do enredo, parecem compor na verdade um fluxo de consciência de um único personagem – o “eu” – abalado pela “compreensão ou loucura” (ABREU, 2018, p. 351) que é perceber-se sujeito desviante e abjeto diante das demandas de uma sociedade configurada pelo “heterossexismo” (MISKOLCI, 2017, p. 47). Ao passo que reflete sobre as impossibilidades de vivenciar sua identidade sexual não-normativa num contexto ditatorial, o personagem encara processos subjetivos de autoavaliação que o empurram às performances de gênero e de sexualidade calculadas, dado que assumir posições-de-sujeito consideradas normais poderia garantir-lhe alguma segurança diante de um regime empenhado em silenciar e perseguir quem transgredisse as acepções heteronormativas.

Assim, da sua última tarde de luz dentro de um trem, em que o espaço descrito é uma mistura entre pés de ipê coloridos, paredes de concreto, ruazinhas de casas desbotadas, caras das lavadeiras na beira do rio, vegetação “e o verde de uma farda militar atravessando os trilhos” (ABREU, 2018, p. 348), o narrador-personagem recorda que:

apertava minha tontura com as palmas molhadas das mãos, sem saber se ia, se voltava ou permanecia parado quieto entre aqueles pontos alucinados de luz girando em volta de mim. (ABREU, 2018, p. 348).

No referido trem, no qual encontra-se aflito, desorientado e meio mórbido, o personagem tenta vozear gritos rapidamente interrompidos “porque ele cerrou a boca com força, não me deixando escapar por sua garganta fechada” (ABREU, 2018, p. 348). A ambientação constituída entre caras “sem feições” (ABREU, 2018, p. 348) e “pontos alucinados de luz girando”, que faz tudo vibrar “pulsátil, fremindo” (ABREU, 2018, p. 348), revela um sujeito que, entre medo, desespero e delírio, oscila sem saber se vai, volta ou permanece no espaço em que se encontra. O grito silenciado soa como denúncia ou pedido de socorro. Parece, esse espaço que se movimenta, provocar o desespero, pois, não por acaso, “uma farda verde militar atravessando os trilhos” encerra as primeiras descrições da paisagem afora desse trem.

Conforme Osman Lins (1976, p. 92), estudioso do espaço na literatura, “quaisquer que sejam os seus limites, um lugar tende a adquirir em nosso espírito mais corpo na medida em que evoca sensações”. Assim, à medida em que os elementos espaciais como “aqueles pontos alucinados de luz girando” evocam sensações de conturbação, desordem e nervosismo no personagem, “a farda verde militar atravessando os trilhos” surge e paira, como um “espectro” (COLEHO, 2014), para sugerir o contexto autoritário em que o narrador está inserido. O

espaço contribui, então, para confirmar a relação entre a identidade da personagem – sendo traçada – e os elementos do ambiente.

Mas a quem pertence o corpo que anteriormente silenciou aquele grito de desespero? Temos, possivelmente, uma personagem que, dilacerada pela constante vigilância externa, projeta dentro de si um outro – “ele” – responsável por, entre outras coisas, assegurar – causando angústia evidente – comportamentos de autopolicamento para reprimir atos de desespero. O “eu” confessa que, circulando na sociedade:

vejo nos outros [...] caras demasiado vivas. As de fora se debruçam sobre ele e eu tenho medo [...] Quando as grandes caras vivas se debruçam, sinto que desapareço nas veiazinhas dos olhos dele, e tenho medo que apenas um piscar me lance para fora, entre as coisas pontudas. (ABREU, 2018, p. 347).

Aqui, sentimentos de angústia e medo apontam um sujeito inserido num “campo social” (WOODWARD, 2014) de vigilância. Refugiado e escondido dentro de si mesmo, o “eu” é compelido a performar e assumir nos seus gestos, feições, comportamentos e interações, posições-de-sujeito específicas, submetendo “ele” à atuação. É, então, preciso fingir e se esconder para não ser arremessado “entre as coisas pontudas” que vigiam e penalizam. “As coisas pontudas”, representação simbólica da sociedade, das pessoas, do regime regulatório civil-militar ou de todo este amontoado conservador se traduzem, na narrativa, enquanto um espaço responsável por provocar medo no personagem, interpelando sua identidade ao ponto de fazer com que o “eu” mantenha-se oculto na medida que sujeita o “ele” ao disfarce e à encenação diante das caras de fora e das “coisas pontudas” que “se debruçam” a policiá-lo. “Eu” diz: “Dentro dele, eu espio o de fora de nós. E não me atrevo” (ABREU, 2018, p. 347), confirmando o medo de revelar sua identidade diante desse espaço “de fora de nós”, pois dizê-la ou exteriorizá-la publicamente significa, muito provavelmente, enfrentar a repressão. No decorrer da narrativa é que essa identidade não-normativa da personagem vai se enunciando e sendo construída entre a vivência homossexual – mais explícita – e o uso de drogas como subterfúgio, traçada inclusive pela ambientação; por exemplo, dos automóveis afora do trem que “eram faíscas coloridas metálicas voando sobre o cimento” (ABREU, 2018, p. 348).

Numa outra reflexão sobre identidade, que permite aprofundar nossa análise, Kathryn Woodward argumenta que os campos sociais nos quais estamos inseridos “como as famílias, os grupos de colegas, as instituições educacionais, os grupos de trabalho ou partidos políticos” (WOODWARD, 2014, p. 30) são responsáveis por atravessar a construção de nossas identidades, nos empurrando a assumir e performar diferentes papéis sociais: “diferentes contextos sociais fazem com que nos envolvamos em diferentes significados sociais (WOODWARD, 2014, p. 31).

Neste aspecto, percebemos na narrativa em análise como as identidades não-heterossexuais são posicionadas e reguladas diferentemente de acordo com o contexto, exigindo contingência e atuação, já que, inserido em um espaço específico – mas não nomeado e implícito – o “eu” é convocado a apresentar um outro – “ele” – encarregado por cumprir, possivelmente, a cis heterossexualidade. Assim como o

eu, “somos posicionados – e também posicionamos a nós mesmos – de acordo com os ‘campos sociais’ nos quais estamos atuando” (WOODWARD, 2014, p. 31). Esta contingência fica mais explícita quando o “eu”, ao apontar não saber qual de suas identidades trava uma relação homoerótica, revela mantê-la no espaço privado:

era a ti, a ele ou a mim que o homem visitava às vezes? [...] Eras tu, era eu ou era ele quem torcia lentamente o corpo até desabar de costas na cama [...] como a fêmea deve sentir seu macho, cara a cara, jamais como um homem recebe a outro homem, o rosto contra a nuca, nesse amor feito de esperma e pelos, de suor e merda? (ABREU, 2018, p. 348).

Mais uma vez, a relação homossexual delinea identidades subalternas, não-hegemônicas, ainda que seja patente ali a reverberação da relação sexual hegemônica – heterossexual – pois ao repudiar “o rosto contra nuca entre homens”, estabelece-se papéis/posições de gênero e sexualidade heterossexistas na vivência homossexual: “como a fêmea deve sentir seu macho”. A higienização dessa relação homossexual além de operar na dualidade “ativo/passivo dos gays, a qual toma como referência a visão hegemônica sobre uma relação sexual reprodutiva para definir papéis/posições sexuais” (MISKOLCI, 2007, p. 5), ocorre a partir da atuação reguladora do contexto ditatorial sob a identidade e o corpo do personagem, posto que no espaço público as grandes caras vivas se debruçam a observá-lo impelindo o “eu” para dentro de si, enquanto o espaço privado serve para manter resguardada sua relação homossexual.

Contudo, há, ainda, um terceiro personagem, “tu”, que pode logo ser identificado como mais uma projeção do “eu”, pois num dos trânsitos do conto, o convite do “eu” a “tu” para matar “ele” – “não queres me ajudar a matá-lo?” (ABREU, 2018, p. 350) – é precedido pela movimentação inquieta do “eu” em uma estação, “de um lado para o outro, entre cigarros sem sabor, jornais sangrentos” (ABREU, 2018, p. 350) e a certeza de que “tu” aceitar aquele convite do “eu”, de matar “ele”, impediria a partida do “eu”, que aguardava na estação de trem. Podemos entender esse convite como um ato de desespero do “eu” pra libertar-se da máscara posta sobre “ele”. Ainda, ao confessar: “não quero que me ajudes a matá-lo porque mataria a ti e também a mim” (ABREU, 2018, p. 351), o “eu” evidencia ser os três, um só, o mesmo, um “tríplice engastado [...] entranhado [...] enlaçado [...] inesperado” (ABREU, 2018, p. 351).

O contexto social da obra também torna mais perceptível o disciplinamento e a performance das identidades, quando é retratado através de um sonho, já ao final do enredo: contado por “eu, tu ou ele”? Não se sabe, tem-se apenas o envolvimento de uma moça, uma quarta personagem, que repentinamente emergia no conto a dialogar com “eu”, “tu” e “ele”: “assim entras no teatro e te chamam dentro do sonho e te chamam para fazer o papel do sonho de alguém que não veio” (ABREU, 2018, p. 351). O sujeito “tu” é convocado a exercer um papel – uma performance – a assumir uma posição-de-sujeito que não é dele, “porque é só um sonho e um sonho não precisa de ensaio” (ABREU, 2018, p. 351). Quem, ausente neste sonho, não pode realizar o papel? Possivelmente aquele “ele” portando a cis heterossexualidade. Então “tu” – que “equilibras o que entre ele e eu é pura

sombra” (ABREU, 2018, p. 347) – é convocado a assumir a posição. O que decorre em sequência é metáfora sobre uma existência-condição disciplinada:

e já não sabes se começa a rir ou a gritar, então foges para encontrar o outro, mas o rosto da moça tem os olhos do homem e a boca da moça, os seios da moça são os seios da moça, aqueles mesmos, cujos bicos duros roçavam tua barba malfeita quando os beijavas, mas o sexo da moça é o sexo do homem, aquele mesmo que te inundava de esperma quente, e não sentes medo nem nojo, mas te afastas confuso e caminhas caminhas em busca do teatro para entrar em cena e desempenhar tão bem quanto possas o teu papel de sonho do sonho de outro. (ABREU, 2018, p. 351).

Antes mesmo de entrar em cena, o personagem perseguido foge em busca do outro – talvez o homem com quem “eu, tu e ele” transara anteriormente – mas encontra a moça, revelando que vivia a hesitação entre as experiências heterossexuais e homossexuais, justamente porque se afasta confuso e demonstra pensar no homem quando se relaciona com a moça: “o sexo da moça é o sexo do homem”. Cabe questionar-se, ainda, o que “o sonho do sonho de outro” poderia simbolizar? “Tu” é convocado a realizar o sonho do sonho do outro que não veio, o roteiro desse sonho exige, possivelmente, a heteronormatividade, se lermos o sonho do outro enquanto metáfora da vida real, pois, tal como um sonho, a realidade dispensa ensaio, ela convoca “tu” a encará-la. Isto significa, ao personagem, enfrentar a matriz heterossexual (BUTLER, 2017), alicerces do regime heteronormativo. O sonho do sonho do outro, interpretado enquanto o desejo coletivo pela hegemonia das existências cis heterossexuais, insere o personagem em diferentes posições, em um conflito subjetivo entre o “eu” homossexual, o “ele” heterossexual e o “tu” que auxilia neste trânsito. Esta coexistência expõe, na verdade, um sujeito que, assolado pela repressão, vive a experiência bissexual entre o sexo da moça, que não causa medo ou nojo, mas um afastamento confuso, e o sexo do homem, que o inundava de esperma quente.

Entre fragmentos, saltos, digressões e divagações, a narrativa em *Morangos Mofados* (1928) – e nesse conto em específico – traça um texto que profana e denuncia. O espaço e o contexto, ambos de modo “espectral” (COLEHO, 2014), durante quase toda a obra, evidenciam sensações e revelam um período que discute a repressão e os silenciamentos de um regime totalitário. Este retrato não é dado, é menos explícito. Em Caio, “interessa muito mais o não-dito, o inter-dito, pois vê-se nesses interstícios textuais um discurso crítico de contestação e resistência que pulsa e faz pulsar os arquivos da ditadura” (COLEHO, 2014, p. 446). Portanto, elementos espaciais nessa narrativa, como “o verde de uma farda militar”, os “jornais sangrentos” (ABREU, 2018, p. 350), os “corredores escuros do labirinto” (ABREU, 2018, p. 351) e a procura “do teatro, em pirâmides de estreitos corredores [...] o palco, o vértice, a câmera real” (ABREU, 2018, p. 352) indicam e sugerem, além do período histórico de cerceamentos e perseguições, um personagem confuso, sufocado, alucinado e coagido a performar “o sonho do sonho de outro”, já que o teatro pode ser a metáfora das verdadeiras encenações, atuações e performances que são as identidades no palco do cotidiano.

Entre a aberração sexual e a contracultura: silenciamento e solidão com amargo gosto de “morangos mofados”

As análises seguintes envolvem a segunda e terceira partes da obra, correspondendo aos contos “Aqueles Dois” e “Morangos Mofados”, respectivamente. Estas últimas mantêm, entre a ausência de esperança, o retrato das vivências homossexuais masculinas reprimidas e os delírios causados pela utilização de drogas. Análise primeiro “Aqueles dois”, conto que conclui a segunda parte da obra e, em seguida, discuto “Morangos Mofados”, narrativa única a compor a terceira parte que, trazendo o mesmo título da obra, a encerra.

“Aqueles dois” trata de um enredo em que dois homens, Raul e Saul, experienciam o patrulhamento dos seus gêneros e das suas sexualidades e, sobretudo, vivenciam as implicações que estas vigilâncias acarretam: cerceamentos dos desejos e limitação da experiência afetiva entre ambos. O texto desdobra-se entre os espaços públicos e privados, as casas dos personagens e o contexto de trabalho, em que esse último, uma repartição, “era como um deserto de almas [...] de almas também desertas” (ABREU, 2018, p. 405). Era aquele “prédio grande e antigo, parecido com uma clínica psiquiátrica ou uma penitenciária” (ABREU, 2018, p. 411). Esse espaço, que é também contexto, não atua como fundamento único às ações dos personagens, mas anuncia suas percepções e seus comportamentos quando inseridos naquele ambiente, pois enquanto o deserto de almas desertas indica, certamente, a desconfiança que transpareceu em relação aos colegas de repartição, a arquitetura do lugar evidencia a sensação de que Raul e Saul estão circunscritos num espaço de cárcere e repressão.

No contexto do trabalho, Raul e Saul se escondem e limitam suas trocas e demonstrações de afeto, posto que é exigido dos dois, mesmo que implicitamente, a cis heterossexualidade, ou seja, qualquer traço que aponte à transgressão é rapidamente reprimido. Ambos assumem esta posição hegemônica masculina e heterossexual, pois no percurso do enredo percebemos a rigidez do ambiente que, marcadamente heteronormativo, os manteve “discretos, porque eram novos na firma e a gente, afinal, nunca sabe onde está pisando” (ABREU, 2018, p. 406). Eles “cruzavam-se silenciosos” (ABREU, 2018, p. 407) porque “as moças em volta espiavam, às vezes cochichavam sem que eles percebessem” (ABREU, 2018, p. 408). As descrições de Raul e Saul supõem esta masculinidade hegemônica não apenas em razão de suas “discrições” ou em virtude dos “patrulhamentos” em volta, mas especialmente, porque, como relata o narrador, eles “eram dois moços bonitos, todos achavam [...] tão altos e altivos, comentou de olhos arregalados uma secretária” (ABREU, 2018, p. 406). Com Judith Butler (2017) conseguimos aprofundar esta reflexão acerca do limiar ficcional daqueles dois que, impossibilitados de vivenciar uma suposta relação erótica homossexual, são constrangidos a performar, também no gênero, uma cisgeneridade masculina, precisamente pelo fato de que as leis da heteronormatividade:

buscam estabelecer linhas causais ou expressivas de ligação entre o sexo biológico, o gênero culturalmente constituído e a ‘expressão’ ou ‘efeito’ de ambos na manifestação do desejo sexual por meio da prática sexual. (BUTLER, 2017, p. 43-44).

Em outras palavras, os pactos sociais do contexto trabalhista, alinhados às expectativas hegemônicas das performances sexuais e de gênero, exigiam que Raul e Saul mantivessem uma certa “coerência” e “continuidade” (BUTLER, 2017, p. 43) entre o sexo biológico (a genitália), o gênero (compreendido como masculino) e a sexualidade que, necessariamente heterossexual, seria uma expressão natural e bem aceita do desejo – isto é, as práticas sexuais. Nesse sentido, podemos retomar os estudos de Woodward (2014) para repensar mais sobre estas posições de identidade a partir da relação com o contexto histórico do conto. A teórica argumenta que, em diferentes ocasiões e contextos, como uma entrevista de emprego, uma reunião de pais ou uma festa, somos diferentemente posicionados:

Em todas essas situações, podemos nos sentir, literalmente, como sendo a mesma pessoa, mas nós somos, na verdade, diferentemente posicionados pelas diferentes expectativas e restrições sociais envolvidas em cada uma dessas diferentes situações, representando-nos, diante dos outros, de forma diferente, em cada um desses contextos. (WOODWARD, 2014, p. 31).

Esta é, justamente, a situação que perpassa Raul e Saul. Muito bem retratada em “Aqueles Dois”, Caio Fernando Abreu explora com competência a vivência que pessoas de identidades sexuais não-hegemônicas – fossem ou não assumidamente LGBTs – enfrentaram durante a ditadura. A leitura da narrativa a partir da reflexão de Woodward (2014) fica mais concisa quando as trocas afetivas e declarações entre aqueles dois tornam-se, no espaço privado, menos higienizada pela expectativa heteronormativa, onde não há nem observadores, nem “restrições sociais envolvidas”, e, sobretudo, onde não há “atentas, as moças em volta” (ABREU, 2018, p. 408) a constrangê-los:

Quando Saul estava indo embora, começou a chorar. Sem saber ao certo o que fazia, Saul estendeu a mão, e quando percebeu seus dedos tinham tocado a barba crescida de Raul. Sem tempo para compreenderem, abraçaram-se fortemente. E tão próximos ficaram que um podia sentir o cheiro do outro. (ABREU, 2018, p. 410).

Assim, percebemos que o percurso entre a relação masculinizada e a relação mais afetuosa dos personagens é propiciado pelos diferentes espaços, contextos e seus agentes que, regulando a relação dos dois, perpassam a construção das identidades de Raul e Saul. Ademais, é ainda patente nessa relação, desde seu início, uma troca calcada na discrição, no sigilo e no silenciamento do afeto e do toque, pois aqueles dois limitavam-se, logo que se conheceram, no ambiente da repartição, “a um cotidiano oi, tudo bem ou no máximo, as sextas-feiras, um cordial bom-fim-de-semana-então” (ABREU, 2018, p. 406). Segundo o estudo de Nascimento *et al.* (2019, p. 3), a palavra “discreto”, muito utilizada por perfis em aplicativos de relações gays, objetiva:

afastar o indivíduo da representação de um homossexual “afeminado”, ou seja, assegurar-lhe uma aceitação social devido ao

reforço da sua masculinidade, modelo melhor assimilado pela heteronormatividade.

É nesse sentido que se dá a relação entre Raul e Saul, eles são constrangidos a performar no trabalho uma amizade discreta, buscando repelir do corpo e do discurso condutas que representem o desvio à cis heteronormatividade. Decorre que essa inclinação compulsória à discricção reverbera na relação dos dois, ainda que nos ambientes privados – ora na casa de Saul, ora na casa de Raul – e mesmo que de modo menos acentuado, porque já na hora de deitar, após uma noite festiva regada a muita bebida alcoólica, Raul e Saul reprimem seus desejos:

trocando a roupa no banheiro, muito bêbado, Saul falou que ia dormir nu. Raul olhou para ele e disse você tem um corpo bonito. Você também, disse Saul, e baixou os olhos. Deitaram ambos nus, um na cama atrás do guarda-roupa, outro no sofá. Quase a noite inteira, um podia ver a brasa acesa do cigarro do outro, furando o escuro feito um demônio de olhos incendiados. (ABREU, 2018, p. 410-411).

Embora a obra movimente, incite e provoque uma relação homoerótica, nada aconteceu já que aqueles dois cerceiam seus desejos, buscando – possivelmente de maneira inconsciente – manter aquilo que Butler chamou de “continuidade” e “coerência” entre sexo, gênero e desejo (BUTLER, 2017, p. 43). Ainda que nada os penalize, uma vez que estão localizados em um espaço privado, seus desejos recíprocos – evidenciados gradualmente durante toda o enredo – são reprimidos. É provável que esse auto disciplinamento do desejo ocorra, como já dito, de modo inconsciente, posto que “a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes” (HALL, 2019, p. 24). Dito de outra forma, somos “também recrutados e produzidos não apenas no nível do consciente, mas também no nível do *inconsciente*” (WOODWARD, 2014, p. 61-62). Talvez estas asserções ofereçam melhores explicações para justificar as escolhas restritivas das personagens, dado que suas identidades masculinas foram construídas dentro de e por um regime heteronormativo que os interpela nas dinâmicas do gênero e da sexualidade.

Procede no encerramento do conto, de modo estarrecedor, a sensação revoltante que a sociedade conservadora causava quando colocava em prática os cerceamentos, as perseguições, as injustiças sociais e sua absoluta desfaçatez através de seus discursos:

o chefe da seção os chamou, perto do meio-dia [...] foi direto ao assunto: tinha recebido algumas cartas anônimas. Recusou-se a mostrá-las. Pálidos, os dois ouviram expressões como “relação anormal e ostensiva”, “desavergonhada aberração”, “comportamento doentio”, “psicologia deformada”. (ABREU, 2018, p. 411).

A situação representada traduz os processos de normalização e diferenciação que envolvem a produção das identidades, pois se “a afirmação da identidade e a marcação da diferença implicam, sempre, as operações de incluir e

excluir” (SILVA, 2014, p. 82), são os dois personagens cristalizados com a marca, com o traço da diferença que, sendo anormal, desavergonhada, doentia, deformada e abjeta, merece ser deslocada à exclusão. Louro (2000, p. 63) nos lembra ainda que:

As identidades, constituídas no contexto da cultura, produzem-se em meio a disputas, supõe classificações, ordenamentos, hierarquias; elas estão sempre implicadas num processo de diferenciação.

Isso sugere que o processo de diferenciação exercido pelos colegas de trabalho a partir de um movimento de retaliação a Raul e Saul, no sentido de enquadrá-los e classificá-los enquanto aberrações, supõe uma disputa que, além de buscar a marginalização dos rapazes, tenta justificar a exclusão supostamente merecida. Assim, ao anteceder seu anúncio – “os senhores estão demitidos” – dizendo coisas como “a-reputação-de-nossa-firma” ou “tenho-que-zelar-pela-moral-dos-meus-funcionários”, o chefe da repartição compactua com a empreitada normalizadora dos colegas de Raul e Saul, denunciados sobre cartas “sempre assinadas por Um Atento Guardião da Moral” (ABREU, 2018, p. 411). Este desfecho, além de desnudar o espaço e o contexto heteronormativo, perpassado por relações de poder, escancara uma parcela significativa da sociedade civil brasileira comprometida com os cerceamentos e perseguições do período pós-64:

quando se tratava de defender a moral e os bons costumes a censura consistiu em um instrumento político legítimo perante setores da sociedade civil, um endosso do Estado àquilo que era considerado pertinente aos valores da família cristã. (SETEMY, 2018, p. 174-175).

Trata-se aqui do estabelecimento de binarismos polarizados, trata-se de um processo de diferenciação. Há um sujeito que ao posicionar a si mesmo enquanto o guardião responsável por resguardar a moral – que sendo boa, é legítima – situa e fixa aqueles dois – o outro abjeto – por sua vez, como imoral, ilegítimo, o diferente. Para Douglas (1966, *apud* WOODWARD, 2014), os empreendimentos que separam, purificam, demarcam e punem transgressões “têm como sua principal função impor algum tipo de sistema a uma experiência inerentemente desordenada” (DOUGLAS, 1966, p. 4, *apud* WOODWARD, 2014, p. 14). Neste aspecto, Caio Fernando Abreu captura em seus escritos uma parcela da sociedade civil brasileira que, na tentativa de impelir um sistema sustentado num fundamentalismo, corroborou com um Estado ditatorial, conservador e supostamente cristão, perseguindo pessoas de identidades marcadamente desviantes ou não-normativas.

Nesse sentido, nas discussões percorridas até o momento, considere relevante traçar os estudos de identidades às narrativas que tratam do homoerotismo – suas subversões e cerceamentos –, o que acarretou deixar em suspenso as discussões acerca da contracultura, temática também presente em *Morangos Mofados* (1982). Contudo, o conto homônimo ao título da obra – “Morangos Mofados” – compondo sua última parte, me permite, na medida em que o analiso, estabelecer conexões profundas entre as práticas da contracultura no

Brasil e as produções não-normativas dos sujeitos condutores destas mobilizações, especialmente porque estes movimentos foram contestadores do regime ditatorial, como lembra Freitas (2017, p. 93):

um dos cenários imprescindíveis da história dos anos 70 e 80, o movimento hippie, que trouxe os ideais da contracultura, os quais foram sufocados pela ditadura [...] marcaram a história daquele momento com a presença de uma identidade não unificada, de mobilidades [...] que, munida de seus ideais de “paz e amor”, posicionava-se contra a atmosfera de repressão instalada no país.

“Morangos Mofados” trata, então, de um personagem devastado pela desilusão de um movimento – a contracultura – que fora logo retaliado quando emergiu no Brasil pós anos 1960. Portando bandeiras de rebeldia às práticas culturais hegemônicas do Ocidente, a contracultura atuava, majoritariamente, por meio dos percursos e experimentações subjetivas nas drogas psicodélicas, nas religiões orientais e nas artes. Esse movimento defendia, ainda, “a liberdade sexual, a crítica aos meios de comunicação de massa, o anticonsumismo, a luta pela paz” (FREITAS, 2017, p. 91). Caracterizado como desbunde no Brasil, o movimento de contracultura teve em nosso país dois momentos, em que o primeiro “se definia como um projeto libertário e anárquico de cores político-revolucionárias [...] diferencia-se significativamente do desbunde-70, de cores pacíficas” (HOLLANDA, 2018, p. 754).

Entre alucinações e reflexões frustradas de um sujeito extremamente solitário, a narrativa de “Morangos Mofados” inicia com um homem relatando ao seu psiquiatra: “não é no cérebro que acho que tenho câncer doutor, é na alma, e isso não aparece em check-up algum” (ABREU, 2018, p. 415). A resposta que recebe do doutor – “mal do nosso tempo” (ABREU, 2018, p. 415) – confirma que o contexto daquele período, talvez pelos cerceamentos, que havia adoecido o sujeito. O diálogo entre os dois segue denotando, então, o padecimento do personagem:

Na parede a natureza-morta com secas uvas brancas, peras pálidas, macilentas maçãs verdes. Nenhuma melancia escancarada, nenhuma pitanga madura, nenhuma manga molhada, nenhum morango sangrento. Um morango mofado – e este gosto, senhor, sempre presente em minha boca? (ABREU, 2018, p. 416).

A ambientação disposta “revela todo o sentimento de pessimismo que pairava sobre a sociedade da época” (FREITAS, 2017, p. 81), além de implicar na morbidez e no adoecimento do personagem. Já em casa, o homem “tinha tomado três comprimidos, um pela manhã, outro pelo almoço, outro antes de dormir [...] e o gosto persistia na boca. *Strawberry*, pensou, e quis então [...] ouvir outra vez os Beatles” (ABREU, 2018, p. 416). Aqui, a referência é dupla: ao gosto amargo e persistente de “strawberry” na boca e aos Beatles, que figuraram também a cena contracultural de raiz anglo-americana. Segue-se, junto às alucinações, às náuseas e aos vômitos do personagem, as confusas recordações melancólicas e saudosistas da vivência entre “as comunidades rurais, os nirvanas sem pedágio, o ácido em

todas as caixas-d'água de todas as cidades" (ABREU, 2018, p. 417) e a bissexualidade, pois de forma bastante misógina o personagem lembra Alice, "a cadela que eu comia direitinho" (ABREU, 2018, p. 417) e Davi que "acariciando as minhas veias até incharem, quase obscenas, latejando azul-claro sob a pele. Sabe, cara, quando te aplico assim com agulha lá no fundo, às vezes chego a pensar que" (ABREU, 2018, p. 417).

O salto brusco na alternância de narrador e a escolha das palavras permite enunciar, metaforicamente e de forma mais direta, a situação homoerótica que havia, provavelmente, entre os dois. A expressa bissexualidade enquanto identidade subalterna não exime o personagem, contudo, de destilar misoginias. Acredito ser estratégico da escrita de Caio, pois é necessário pontuar e reiterar que, na obra toda, percorremos contos em que personagens, ainda que subalternizados e violentados – como no conto "Terça-feira gorda" – reproduzem com veemência discursos hegemônicos de teor machista e transfóbico.

Assim, das alucinações, o homem transita a um sonho, que não deixa de conter delírios, pelo contrário, é cheio deles. Ele vê Alice correndo num cemitério sem túmulos, encontra com Billie Holiday decepada e tenta socorrer John Lennon, até lamentar sozinho: "Ah tantos anos de análise freudiana kleiniana junguiana reichiana rankiana rogeriana gestáltica. E mofo de morangos" (ABREU, 2018, p. 418). Em outras palavras, o gosto amargo o acompanha, assim como os delírios, causados pela mistura de droga e repressão. Cabe dizer que a passagem evidencia, ainda, uma identidade subversiva, já que assuntos amplamente discutidos, como "a igualdade entre os sexos, a liberação feminina, a homossexualidade [...] a exploração do corpo e da mente por intermédio das drogas e da psicanálise, o aborto, a religiosidade [...] a loucura" (SETEMY, 2018, p. 179), eram igual e incisivamente reprimidos.

Porém, após tanto tempo daquela "presença viva [...] corroendo carcomendo a célula pirada na alma fermentando o gosto nojento na língua" (ABREU, 2018, p. 419), daqueles delírios, daquelas desilusões solitárias, "o gosto mofado de morangos tinha desaparecido. Como uma dor de cabeça, de repente. Tinha cinco anos mais que trinta" (ABREU, 2018, p. 420). Esta transição não apenas sugere, mas revela como no decorrer dos anos ditatoriais – entre sua institucionalização em 1964, sua radicalização nos anos de chumbo, "do governo Médici, de 1969 a 1974 [...] com censuras, exílios, prisões, torturas e caça aos artistas e intelectuais" (FREITAS, 2017, p. 91), até a reabertura à redemocratização, as identidades produziram-se, precisamente, enquanto não-normativas, principalmente porque assumir estas posições ou ser posicionado nestas margens precárias significou resistência às opressões a às perseguições do (des)controle autoritário.

A transição de estado do personagem, do gosto amargo e putrefato recorrente na boca, à sua súbita desapareção, faz pairar a sensação de esperança e mudança que, sempre interditas durante quase todas as narrativas de *Morangos Mofados*, é confirmada possível no momento em que, observando os canteiros de cimento e concluindo ser possível plantar ali "frescos morangos vivos vermelhos" (ABREU, 2018, p. 420), o personagem acena para a possibilidade de transformação social.

Desse modo, entre a aberração sexual e a resistência na contracultura, capturas centrais de *Morangos Mofados*, pode-se dizer que:

A construção da identidade pós-64 foi sendo construída à sombra do poder autoritário, da censura dos meios de comunicação e da forte presença da contracultura. Portanto, por um lado, tivemos o pessimismo enfadonho, o medo, a insegurança, a incomunicabilidade; de outro, a esperança, as possibilidades de futuro, a projeção de um país melhor e o nascimento de sua democracia. (FREITAS, 2017, p. 95).

Freitas (2017) nos fornece reflexões muito precisas para reiterarmos serem situadas as produções de identidades e vivências do contexto ditatorial, histórico e culturalmente, pois na medida em que elas são fabricadas na interpelação discursiva, simbólica e material de um tempo e espaço específicos, também os transformam na elaboração singular e coletiva de corpos, subjetividades e identidades transgressivamente resistentes, antagônicas e contrastantes. Caio Fernando Abreu conseguiu, portanto, nos dizer que “a identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia” (HALL, 2019, p. 12), já que, lançando capturas da ditadura civil-militar brasileira, ele permite percebermos as ligações, conexões e intersecções entre o contexto, as ambientações e as produções de identidades reprimidas, fragmentadas e contingentes.

Considerações finais

A construção desta pesquisa de iniciação científica, financiada pela Fundação Araucária¹ através do programa PIBIC durante os anos de 2019 e 2020, resulta da urgência em buscar na literatura caminhos de “reexistência” às opressões, já que no nosso presente brasileiro ainda circulam os autoritarismos responsáveis por oferecer possibilidades muito hostis e violentas às vidas de pessoas pretas, pobres, LGBTQs, mulheres, indígenas e a todo tipo de gente que se encontra nestas avenidas das identidades minoritárias.

Nesse sentido, o trabalho de análise dos textos de Abreu me permitiu construir e compartilhar reflexões sobre a construção de identidades subalternas a partir de narrativas muito subjetivas. Assim mesmo, subjetivamente, pensando questões mais singulares das experiências das personagens, considero que Caio Fernando Abreu captura com bastante precisão a realidade de muitos corpos e identidades que foram submetidas/o ao jugo ditatorial que, vinculado à mentalidade conservadora-tradicional-fundamentalista, empreendeu silenciamentos e sofrimento a qualquer tipo de transgressão ao capitalismo racista e cis-heteropatriarcal.

Cabe reiterar que debruçar-se a analisar *Morangos Mofados* exige ler os entremeios e as entrelinhas do texto de Caio, pois, como bem nos lembra Gislene Teixeira Coelho (2014, p. 444), os encarceramentos e assassinatos, as torturas e perseguições, “por meio de uma linguagem insinuada e sugestiva [...] emergem das frestas, das lacunas do seu texto”. A ficcionalização de experiências estranguladas pela repressão e desesperança da ditadura:

¹ A Fundação Araucária é uma agência de fomento à pesquisa brasileira que atua no estado do Paraná.

assume, portanto, uma presença meio espectral em *Morangos Mofados* [...] a escrita de Abreu implica levantar um discurso *maldito*, cifrado, sussurrante, impreciso e profundamente *maldito*, pungente, latente, provocador [...] O discurso maldito/mal-dito força sua passagem pelos desvãos da censura, camufla-se por meio de um jogo de presença-ausência, velar-desvelar, o que garantiu a muitos artistas durante o período ditatorial a capacidade de imperceptibilidade, mesmo em um contexto cultural de profunda (re)pressão político-ideológica. (COELHO, 2014, p. 445).

Desse modo, a obra de Caio demonstra grande relevância, pois apresenta uma potência de escrita criativa, intimista, metafórica a ser explorada dentro das possibilidades diversas de interpretação. *Morangos Mofados* (1982) e sua autoria é um convite às reflexões críticas e subversivas. Os estudos desenvolvidos constituem, especialmente, possibilidades de se pensar o texto literário de Caio em contextos de letramentos literários críticos e de reexistência, já que as reflexões aqui dispostas contribuem à auto responsabilização de nós, professoras/es-pesquisadoras/es da linguagem, em discutir questões cotidianamente escamoteadas na prática docente. Neste trabalho, longe de apresentar verdades fixas, esbocei a tentativa de discutir temas emergentes da vida social como aposta na conscientização, na leitura crítica e, principalmente, no combate às opressões e cerceamentos.

Referências

ABREU, Caio Fernando. *Morangos Mofados*. In: ABREU, Caio Fernando. *Contos Completos*: Caio Fernando de Abreu. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. p. 313-420.

ABREU, Carla Luzia de. Sexualidades Desobedientes. Gêneros, Subjetividades e Identidades Não-Normativas nas Redes Sociais Virtuais. In: FAZENDO GÊNERO 9, 9, 2010, Florianópolis. *Anais* [...]. Florianópolis: UFSC, 2010. p. 1-12.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. 15. ed. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

COELHO, Gislene Teixeira. Caio Fernando Abreu e os 50 anos de ditadura militar no Brasil: uma reabertura de arquivos. In: CONGRESO INTERNACIONAL DE LETRAS: TRANSFORMACIONES CULTURALES. DEBATES DE LA TEORÍA, LA CRÍTICA Y LA LINGÜÍSTICA, 6, 2014, Buenos Aires. *Actas* [...]. Buenos Aires: UBA, 2014. p. 442-451.

FIGUEIREDO, Eurídice. *A literatura como arquivo da ditadura brasileira*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2017.

FREITAS, Mírian Gomes de. *Alteridade e Identidade nos contos de Caio Fernando de Abreu*. 2017. 262f. Tese (Doutorado em Estudos da Literatura) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2017.

- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 12. ed. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: Lamparina, 2019.
- HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 15. ed. Petropolis: Vozes, 2014. p. 103-133.
- HOLLANDA, Heloísa Buarque de. Hoje não é dia de rock. In: ABREU, Caio Fernando. *Contos Completos: Caio Fernando de Abreu*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. p. 753-756.
- LINS, Osman. *Lima Barreto e o espaço romanesco*. São Paulo: Ática, 1976.
- LOURO, Guacira Lopes. Corpo, escola e identidade. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 25, n. 2, p. 59-76, 2000.
- LOURO, Guacira Lopes. Teoria queer: uma política pós-identitária para a educação. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 541-553, 2001.
- MARCONI, Dieison. Bichas intelectuais: um manifesto pelos saberes localizados. *Cadernos de Comunicação*, Santa Maria, v. 21, n. 3, p. 54-63, set./dez. 2017.
- MISKOLCI, Richard. A teoria queer e a questão das diferenças: por uma analítica da normalização. In: CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL, 16, 2007, Campinas. *Anais [...]*. Campinas: Unicamp, 2007b. p. 1-19.
- MISKOLCI, Richard. *Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.
- NASCIMENTO, F. A. *et al.* O poder de nomear e as classificações no domínio das homossexualidades masculinas e modalidades alternativas de sexualidade no Brasil. In: CONGRESO ISKO ESPAÑA-PORTUGAL, 14, 2019, Barcelona. *Actas [...]*. Barcelona: ISKO, 2019b. p. 1-7.
- PORTO, Alexandre Vidal. O homem do imediato. In: ABREU, Caio Fernando. *Contos Completos: Caio Fernando de Abreu*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. p. 749-752.
- SETEMY, Adrianna Cristina Lopes. Vigilantes da moral e dos bons costumes: condições sociais e culturais para a estruturação política da censura durante a ditadura militar. *Revista Topoi*, Rio de Janeiro, v. 19, n. 37, p. 171-197, 2018.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 73-102.
- VERGUEIRO, Viviane. *Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade*. 2015. 244f. Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.
- WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org.). *Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 7-72.

Para citar este artigo

LEAL, Alifer Rafael Nascimento. Ambientação, ditadura e a produção de identidades não-normativas em Morangos Mofados. *Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli*, Crato, v. 11, n. 1, p. 325-344, jan.-abr. 2022.

O autor

Alifer Rafael Nascimento Leal é graduando em Licenciatura em Letras Português e Inglês e suas respectivas Literaturas pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG-PR). Foi pesquisador bolsista pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) entre os anos de 2019 e 2020, período no qual desenvolveu a pesquisa que resultou no presente trabalho. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3563-2617>.

Apoio e financiamento: Fundação Araucária.